

JOVENS PERSONAGENS DO HIV/AIDS: REFLEXÕES SOBRE A PESSOA EMOTIVA

Romário Vieira Nelvo ¹

RESUMO

Este artigo resulta de uma etnografia efetuada em uma *Rede* de pessoas que se auto definem *Jovens vivendo e/ou convivendo com HIV/Aids* no estado do Rio de Janeiro. O que trago para a discussão é fruto das observações em campo nos encontros da *Rede* em questão. O eixo analítico central procura sustentar que os encontros presenciais são para os interlocutores o momento de dizer sobre a vida soropositiva. O que transforma a experiência da interação no conjunto social de produção da *pessoa*. A intenção aqui é mostrar uma etnografia que priorize a linguagem da narração emotiva em muitos planos de interação (*falas, lágrimas, abraços* etc.) como parte constitutiva da *noção de pessoa* dos jovens estudados. Os acionamentos das gramáticas da *aflição, medo, angústia* e *comoção* fazem parte do processo de feitura e redefinição do *Eu*.

Palavras-chave: Jovens soropositivos; Emoções; Noção de pessoa.

YOUNG PEOPLE OF HIV/AIDS: REFLECTIONS ON THE EMOTIONAL PERSON

ABSTRACT

This article is the result of an ethnography carried out in a *Network* of people who define themselves as *Young people living and/or living with HIV/AIDS* in the state of Rio de Janeiro. What I bring to the discussion is the result of field observations in the meetings of the *Network* in question. The central analytical axis tries to maintain that the face-to-face meetings are for the interlocutors the moment to say about the seropositive life. What transforms the experience of interaction into the social set of production of the *person*. The intention here is to show an ethnography that prioritizes the language of emotional narration in many plans of social interaction (*speech, tears, hugs*, etc.) as a constituent part of the notion of the young person studied. The drives of the grammars of distress, fear, anguish, and awareness are part of the process of making and redefining the *Self*.

Keywords: Positive young; Emotions; Notion person.

¹ Mestrando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ), e Cientista Social pela UERJ. E-mail: nelvo.romario@gmail.com.

Introdução

Este artigo tratará das observações em campo acerca do cotidiano social de uma Rede de pessoas que se auto definem *Jovens vivendo e/ou convivendo com HIV/Aids*² (REDE JOVEM RIO +) do estado do Rio de Janeiro. O trabalho de campo foi efetuado nos meses de janeiro a junho de 2016³. A intenção aqui é discorrer sobre a dinâmica que envolve a produção da *noção pessoa*, que desde Mauss (2015) discuti-se em antropologia como uma categoria histórica e culturalmente localizada, na qual se concentra o “espírito humano”, o *eu*. Neste artigo, a produção de *pessoa* que se faz presente é a de sujeitos jovens soropositivos, portadores do vírus da Aids (CUNHA, 2011). Lançando mão dos objetivos, atentei para as emoções que enredam as narrativas da experiência de ser portador de doença crônica em pleno momento de juventude, na qual o diagnóstico e a vivência com o HIV passam a fazer parte das relações sociais acarretando desafios para o processo de feitura e redefinição do *eu*. Privilegio essa discussão nos momentos de interação em que ocorrem trocas afetivas de *acolhimentos*, cujos interlocutores constroem-se como *pessoa*. Sobretudo, no que se concerne aos que eventualmente apresentaram dificuldades de aceitar a condição e os “recém diagnosticados” (que procuram a *Rede* para sanar suas *aflições*). Essas ações são produzidas no âmbito dos encontros etnografados.

Este é um estudo que se pretende ser uma antropologia da experiência (BRUNER, 1986); ou seja, a maneira como as pessoas encarnam e expressam a cultura é parte dos objetivos. Para tal, tomei as observações em campo e as narrativas surgidas como o lócus da experiência da pessoa (RABELO et al., 1999). A linguagem emotiva que privilegio no presente estudo etnográfico é analisada à luz de seu pragmatismo, presentes em discursos conformados em *atos*, *falas* e *lágrimas* dos interlocutores nos contextos e práticas de interação social. Assim, a perspectiva adotada para refletir sobre as emoções e sentimentos é aquela

² Algumas convenções: faço uso de aspas para palavras e/ou frases emblemáticas com o intuito de destacá-las. Quando o objetivo é destacar categorias recorrentes, bem como ironias, também utilizei o recurso. Para melhor fluidez da leitura, algumas palavras - como *Facebook*, por exemplo, e demais categorias nativas que apareceram também como conceito de análise (*acolhimentos*, *medos*, *angústias*, *comoção*, *pessoa* etc.) -, procurei colocá-las em itálico e não com aspas, bem como nomes de obras de autores, tanto nacionais quanto estrangeiros.

³ As idas aos encontros da *Rede* em questão fizeram parte de um projeto maior para a construção dos dados etnográficos que discuti sobre as tensões emocionais de mulheres e mães jovens soropositivas das camadas populares do Rio de Janeiro. O presente trabalho de campo alicerçou a monografia de graduação, intitulada “*Tecendo Narrativas e Emoções: Uma etnografia sobre trajetórias de mulheres com HIV/Aids*” (NELVO, 2017a).

que tem no “discurso” a influência central. Desse modo, a intenção foi examinar discursos sobre emoções e discursos emocionais de maneira semelhante ao proposto por Abu-Lughod e Lutz (1990), como práticas sociais. Desta maneira, a emoção é pensada não por ela mesma, mas, sim, no discurso emotivo da realidade que constrói. Torna-se possível, portanto, que a emoção evoque a vida social e cotidiana ao invés de estados internos da pessoa. A dimensão discursiva e subjetiva, insistem as autoras, reafirmam as afetividades em sua capacidade de sociabilidade e do poder. Os discursos emocionais estão na política do cotidiano.

Foi assim que Abu-Lughod (1990) pesquisou a dinâmica da “estória de amor Beduína”. As poesias de amor, que eram expressões de sentimentos opostos às performances cotidianas, não faziam parte de uma oposição ao ordinário da vida, mas era parte da mesma. A isto, inscrevia-se o fato de que a poesia de amor era ordenada pelo discurso emotivo do “desafio”: o amor romântico era uma ameaça à ordem social e as relações de parentesco e, portanto, recitá-las evocando amor em relações afetivas, não era uma oposição ao social, mas dizia respeito justamente ao que é esse social em sua linguagem emocional política. Dito isso, a “estória de amor” são poesias que carregam sentimentos amorosos para além deles mesmos. Os discursos de amor entre homens e mulheres beduínos são partes da política emocional da vida.

Isto é interessante, pois tira as emoções de sua naturalidade e a escreve no plano social e relacional. A emoção é um tema que perpassa as noções de pessoa, *self* e experiência e reveste-se pela cultura (LUTZ & WHITE, 1986). Percebê-las em sua dimensão pragmática como discurso emocional da dinâmica micropolítica requer atentar para a ação social da emoção (REZENDE, 2002). Dito isso, o discurso sobre emoção emprega-se em contextos sociais. Nesta direção, discorre Abu-Lughod (1990), os afetos carregam o que é característico e disseminado no ocidente moderno; o foco é na dimensão da fala, como aquilo que constrói o que é dito, nos termos de Foucault (2002). O discurso comunica políticas sobre o que é um discurso, o que ele faz e o que ele forma. Desse modo, as emoções não são anteriores ao discurso emotivo, todavia, são construídas nos contextos sociais – para esta perspectiva, eis aqui uma crítica ao conceito de cultura, que buscaria o significado para as emoções, a partir de sua “construção cultural”, e não a discursividade na qual é empregada. Em última instância, o discurso emotivo mantém com a realidade não uma relação de representação, e sim de formação, no qual os afetos estão se dando em contextos relacionais. Essa noção pode ser melhor explicada na passagem abaixo:

A inovação do *contextualismo* está em sua inspiração na noção foucaultiana de “discurso”. Essa perspectiva teórica baseia-se na concepção de discurso como uma fala que mantém com a realidade uma relação não de referência, mas sim de formação. Ou seja, nela o real não preexiste ao que é dito sobre ele, mas, ao contrário, é formado por aquilo que se diz sobre ele. Para as autoras (Abu-Lughod e Lutz), a emoção não seria apenas um constructo histórico-cultural; a emoção seria algo que existiria somente em contexto, emergindo da relação entre interlocutores e a ela sempre referida. (REZENDE e COELHO, 2010, p. 78).

Tomando essa ênfase como norte, as notas de campo que trarei ao longo do escrito permitem pensar o quanto a linguagem emocional é orientada pelo plano relacional da experiência e comunicam os estados emocionais nos quais emergem os cotidianos sociais observados. Por vezes são situações que dizem respeito ao passado da pessoa, contornados pelos sentimentos de *medo* e *angústia*, contudo, apenas tornam-se afetividades da “pessoa soropositiva” quando em contexto de relações sociais com o outro.

O artigo está dividido em duas partes que se complementam, seguidas de uma consideração final. Em um primeiro momento, lançarei mão da perspectiva que estou elegendo para pensar a *experiência* e a *narração*, objetivando entendê-las como gramáticas emotivas, a fim de que os dados de campo possam, posteriormente, ser contemplados. Em um segundo momento, relatarei o objeto de estudo e as implicações etnográficas, privilegiando a teoria utilizada para desencadear a pesquisa, uma vez que foi por meio desta que pude refletir sobre o cotidiano da vida desses jovens dando-se no momento de interação. Aqui, mostrarei elementos empíricos do que foi observado em campo, pois estes proporcionaram aprender acerca dos *medos*, da vida que se inicia, dos discursos sobre emoções, as trocas das experiências a fim de “acolher quem precisa” e, sobretudo, a reflexão da noção de pessoa emotiva – categoria defendida nesse artigo.

Parto da ideia proposta por Valle (2002) que a identidade soropositiva é resultado de uma *identidade clínica* que é transformada em social, e construída em determinados espaços. Em sua etnografia realizada em ONGs/Aids para compreender o “mundo social da Aids no Rio de Janeiro”, o autor nos permite pensar, também, acerca de um universo em que os sujeitos se constroem e exercem um lado de si que por vezes é ocultado do cotidiano macro da vida

em sociedade. Além do que, o próprio autor, em outro lugar (VALLE, 2017), e adotando também a perspectiva da linguagem emocional aqui em questão, também já nos disse como as emoções permeiam as experiências sociais de diagnósticos de pessoas que se descobrem soropositivas.

Dessa maneira, é instigante pensar antropologicamente os entraves sociais que transformam a vida de determinados sujeitos. Os estudos de Ciências Sociais sobre a temática do HIV/Aids no contemporâneo⁴, têm dado grande valor para reflexões sobre discriminação, estigmas e sexualidades ditas “desviantes”. Pelúcio (2009), traz uma etnografia com travestis na cidade de São Paulo, evidenciando o quanto o potencial de gestão e de cuidado sobre prevenção à ISTs/Aids, é direcionado para esta população vista como “produtora de riscos”. Estudos sobre vulnerabilidades sociais têm enriquecido ainda mais as discussões (AYRES et al., 2012; POCAHY, 2007; ALMEIDA, 2009; CUNHA, 2011; MURRAY et al, 2015). O de Ayres et al (2012), quando propõe pensar em vulnerabilidades do que *grupo de risco* e Cunha (2011), são marcos importantes para pensar o tema desta pesquisa. A última autora citada é um norte orientador para o meu trabalho, pois realizou uma densa etnografia com “Jovens vivendo com HIV/Aids”. Cunha, procurou compreender a (con)formação de sujeitos no sentido foucaultiano dos termos, que exercem controles de si e do outro, em relação a sua sexualidade, tendo que ser “responsável” frente a uma vida sexual vista muitas vezes “exacerbada” pela juventude que os cercam, e alvo de constantes campanhas de prevenção. O sujeito jovem é, portanto, construído como um novo *personagem da Aids*.

Dito isso, a proposta aqui é a de trazer elementos das observações em campo para adensar ainda mais a discussão do tema em questão, objetivando indagar novas problematizações sobre as juventudes e os seus *embaraços* (CUNHA, 2011). Proporcionando pensar a produção de *pessoa* e as emoções pelas trocas nos contextos de interação dos encontros entre os jovens estudados.

⁴ É importante ter em mente que estou me valendo de uma doença socialmente construída com uma história. É datado que o HIV/Aids teve o seu início na década de 1980, o que alterou drasticamente a maneira como as pessoas passaram a se relacionar afetivo-sexualmente. Até porque, a Aids teve as suas sexualidades preferidas naquele momento – como eu mesmo discorri em outro lugar (NELVO, 2017a) –, que segundo Seffner (1995) produziu a imagem do *aidético*, preferencialmente os homossexuais masculinos. Neste artigo não irei resgatar essa dimensão histórica, mas sim atentarei para os dados etnográficos no contemporâneo das observações em campo. Deixo algumas referências para melhor localização da Aids através da história (PARKER & GALVÃO, 1996; GALVÃO, 2002; BASTOS, 2002).

Pessoas, narrações e experiências emotivas

Langdon (1995) nos apresenta as bases históricas que fundamentam o campo da antropologia para tornar a doença, ora para além de uma ideia de universalidade como discorre a biomedicina, ora como um produto culturalmente localizado, ora como parte de dinâmicas, *atos* e significações que marcam a percepção e a ação das aflições (p. 10), como paradigmas das etnografias em diferentes momentos teóricos em nossa disciplina. Aqui, a dimensão tomada como questão para o debate, seria a cultura como dinâmica e heterogênea e a doença como processo e experiência. Nesta visão, surgida a partir da antropologia simbólica de Geertz (1978), a cultura estaria se dando na interação entre os atores, cujo sistema seria um tanto mais fluido e aberto. Para a autora, pensar a doença sob o perspectiva antropológica é ter em mente que a sua interpretação faz parte de um processo acompanhado por uma gama de episódios, no qual o “drama social” mostra-se presente na experiência. Não é de todo desconsiderar os aspectos socioculturais, muito pelo contrário, a “experiência” é entendida como processo subjetivo construído através de determinados contextos e validado pelos atores (p. 12). Em outras palavras, a existência é mediada pelos outros, como uma espécie de não separação da herança cartesiana, entre corpo/mente, que se expressa na dicotomia corpo/cultura.

Neste rol de discussão, é parte dos eventos das *aflições* o reconhecimento dos sintomas dos distúrbios, o diagnóstico e a escolha do tratamento e, por fim, a avaliação do tratamento. É a isto, que a doença aparece como um processo e as experiências estão fazendo parte desde o seu início. Tomar este campo de reflexão mostra-se fundamental para as narrativas dos interlocutores desta etnografia, pois suas trajetórias são marcadas por eventos e para além de serem episódios históricos de um passado subjetivo que não mais os afligem, nos informam sobre ações e relações sociais em seus relatos, que são constitutivos da *noção de pessoa*. Para isso, concordo com Aureliano (2012) para quem as narrativas constituem a experiência das biografias de pessoas acometidas por doenças. Em sua análise sobre diferentes espaços terapêuticos para tratar o câncer (grupos de ajuda mútua, hospitais e instituições terapêutico-religiosas) a autora nos permite pensar em como as biografias individuais emergem constantemente formas de produzir significados sobre a doença, seu tratamento e as ações concretas das pessoas nesse processo. Este movimento é importante para obter conhecimentos sobre as pessoas acometidas por doenças que, entre

outras questões, vão para além da dimensão estritamente biológica. Good (1994 *apud* AURELIANO, 2012) apresenta que a narrativa seria importante para dar forma a experiência, e que é também, um dos principais meios de conhecimento sobre uma doença.

Retornando aos ensinamentos de Aureliano (2012) as narrativas não são vistas em sua análise como histórias que estão sendo contadas. Como contraponto a esta dimensão discursiva, são histórias construídas e reificadas, com dramaticidade em *falas, gestos, atos* etc. Em suma, elas nos comunicam a experiência da pessoa, que em espaços terapêuticos está sendo negociada. A realidade em narrativas e ações estão sendo tomadas como ambos constitutivos da biografia. Seria o mesmo de dizer, portanto, que a narrativa não está afastada do campo relacional, onde as práticas e as “situações sociais” – para utilizar o termo definido por Gluckman (2010) – existem.

A narração nesse sentido nos diz também sobre as ações sociais, a vida de determinadas pessoas e os desafios que lhes são cotidianos. É uma noção muito próxima, a meu ver, da perspectiva contextualista para se entender as emoções postulado pelas autoras Abu-Lughod e Lutz (1990), pois o discurso advindo dos ensinamentos de Foucault é visto como aquilo que manteria com a realidade uma dimensão de formação emotiva. Por isso, penso que seja algo relevante, até mesmo para tomar as narrativas dos jovens soropositivos como “gramáticas emotivas”, essa síntese teórica aqui salientada. Não obstante, nos permitirá atentar para a dimensão da narração como *atos* discursivos não afastados da ação e da biografia da pessoa na qual emergem uma linguagem emotiva e relacional.

Próximo dos postulados da fenomenologia, onde a experiência emerge como *locus* privilegiado de análise, Rabelo et al., (1999) postulam que ter um corpo ou ser um corpo é estar situado. Portanto, pessoas corporificadas são seres em situação. Essa perspectiva não está preocupada, mais uma vez, em tomar o corpo e a cultura como afastados, mas, sim, o corpo como a “base existencial da cultura” (CSORDAS, 2008, p. 102). A abordagem da experiência permite reconhecer dimensões importantes para o tema das *aflições* e tratamentos em que as narrativas estão entrelaçadas com a ação, pois “constituem dimensões da vida” (RABELO et al., p. 20):

A narrativa não é um artifício justaposto à experiência, um adorno ou complemento acidental. Boa parte dos analistas efetivamente enfatiza que a narrativa constitui o significado da experiência. Entretanto no seu

entrelaçamento com a ação, ela “o faz no curso da vida mesmo, e não apenas depois do fato, nas mãos de autores, nas páginas de livros” (CARR, 1986, p. 62). (RABELO et al., 1999, p. 20).

Postulado tudo isso, é demasiado importante a presente discussão para a compreensão do material observado em campo. As biografias tecidas aqui comunicam eventos vividos, presentificados como *atos* de encarnação de dores e sofrimentos – noção apropriada aos ensinamentos de Das (2011), para quem *eventos críticos* constituem a subjetividade. As narrativas da etnografia fazem parte do processo de construção social da realidade (AURELIANO, 2012; NELVO, 2017a, 2018), as quais me apareceram em momentos ímpares das interações entre os jovens. A construção do tempo narrativo dos interlocutores é constitutivo de ações e situações sociais que revelam aspectos emocionais da *pessoa*, cujos sentimentos do *medo*, *insegurança*, *comoção* e o potencial do *acolhimento* do próprio encontro efetuado pelos jovens dramatizam as vivências. O que permite pensar tanto na temporalidade do passado, com eventos disruptivos e devastadores da trajetória quanto o cotidiano das interações. Isso nos releva, portanto, o quanto as biografias performatizadas cujas narrativas são partes da composição da *pessoa*, estão constantemente inscritas no plano relacional da experiência. Esta que é orientada, por sua vez, pelo engajamento emocional constante. A linguagem emotiva é aquela utilizada pela *pessoa* a fim de construção da subjetividade, ao passo que é importante, também, para o estabelecimento da comunicação com os “outros” na interação.

Desta forma, daqui em diante o texto mostrará um pouco do cotidiano da *Rede* que foi o objeto de estudo antropológico. Primeiro explicarei do que se trata o espaço e como foi à entrada e permanência em campo para o exercício do *ofício*. Findo os objetivos da *Rede*, entrecruzarei algumas passagens de campo e relatos de jovens para melhor ilustrar a perspectiva de que se tratam de interações sociais com o caráter da *pessoa emotiva*.

Jovens personagens do HIV/AIDS e a Pessoa Emotiva

A REDE JOVEM RIO +, conta atualmente com 538 membros⁵ com idades

⁵ O número em destaque vislumbra uma das últimas investigações científicas feita por mim quando já havia encerrado as observações de campo, no período de julho de 2016.

variadas. Desde os considerados “novinhos”, geralmente pessoas com idades inferiores a dezoito anos, ou mesmo os “velhinhos”⁶, estes acima dos trinta anos. A *Rede* – chamarei desta forma para melhor fluidez da leitura –, não limita a idade de seus membros. Contudo, para representá-la fora do estado é necessário que a idade seja inferior a trinta anos. Surgiu no ano de 2009. Segundo afirmavam os membros mais antigos: “não havia representação do jovem no cenário de debates sobre o tema do HIV/Aids”. O contexto da etnografia foi propício, pois somente nos idos de julho de 2015 foi que a Rede criou regras de convivência mais “burocráticas”, bem como a elaboração de um estatuto físico no qual consta que todo ano deverá haver uma eleição para os cinco gestores, que são responsáveis por Grupos de Trabalhos (GTs), envolvendo-se nas seguintes funções internas: *acolhimentos*, políticas, organização de eventos, comunicação e atuação em espaços de saúde.

Para ser membro a pessoa precisa ser portador de HIV/Aids ou “sentir-se jovem”. O que nos remete a ideia de que a juventude aparece como um “valor” a ser conquistado nesses espaços (DEBERT, 2012). De todo modo, os que convivem com pessoas soropositivas (parceiros conjugais, pais, irmãos etc.) também podem fazer parte da *Rede*, contudo, estes precisam ir a pelo menos dois encontros presenciais para se tornarem membros. O espaço virtual do *Facebook* é fundamental para o seu funcionamento, pois há um grupo secreto⁷ para conversas e divulgação dos encontros mensais (que ocorrem sempre em um domingo a cada mês). Para ser aceito no *Facebook*, os “conviventes”⁸ também precisam dos encontros presenciais, já que segundo Marcelo⁹: “precisamos conhecer bem a pessoa para *confiar*”¹⁰.

A minha idade facilitou acessar certa “juventude” no meu perfil do *Facebook* para adentrar o universo deles. Quando fui aceito, ainda não existiam as novas configurações internas e nem o estatuto. Um amigo médico por saber dos meus

⁶ A oposição entre as idades são categorias nativas.

⁷ A classificação enquanto “grupo secreto” significa que este não pode ser encontrado, apenas adicionado.

⁸ “Vivente” e “convivente” são categorias nativas. A primeira categoria refere-se àqueles que efetivamente são soropositivos, ao passo que “conviventes” são os parceiros conjugais, pais, familiares etc.

⁹ Membro gestor, cujo nome é fictício assim como todos que aparecerão daqui em diante visando o anonimato dos sujeitos envolvidos. Quaisquer outras informações que pudesse identificar as pessoas também foram alteradas.

¹⁰ Nos primeiros encontros aprendi que é feio “revelar a sorologia do coleguinha”. Deste modo, a Rede não permite que a sorologia seja revelada para outros espaços além dos encontros. A pessoa que fizer isso deixa de ser membro da Rede, além do que, em alguns casos, podem ser acionadas questões legais para a resolução da revelação sorológica.

interesses de pesquisas adicionou-me no grupo e não precisei passar por toda a “burocracia” que os jovens consideram – e eu também a considero –, necessária. Isso ocorreu em junho de 2015, quando estabeleci o seguinte diálogo através da rede virtual em questão:

Marcelo: Olá, seja bem vindo! Qual a sua idade?

Romário: 20, e você?

M: 28. Quase velho já. Quantos anos você é soro?

R: SORO?

M: O HIV!!!

R: Eu não tenho, queria conhecer a Rede, é possível?

M: Claro! seja bem vindo.

Durante os encontros foi perceptível o quanto o marcador social da idade configurava certa “juvenização” da *Rede*. Reitero aqui os ensinamentos de Debert (2012) sobre a juventude como algo valorizado no ocidente moderno, sobretudo numa sociedade como a brasileira. O caráter jovem não estava expresso, a princípio, no que se concerne à faixa etária, mas, sim, ao fato da pessoa “sentir-se jovem” para ser membro da *Rede*. Contudo, há ambiguidades uma vez que o estatuto do grupo pesquisado reafirma que “novinhos” são aquelas pessoas que têm idade inferior a trinta anos e que, acima desta idade, os sujeitos soropositivos passam a ser “velhinhos”.

No decurso da etnografia foi recorrente a presença de soropositivos “velhinhos”, seja acima dos trinta anos (uma pessoa das quais realizei entrevista que aqui não será explorada), seja acima dos cinquenta anos. A tensão que emergiu de imediato e que recorrentemente era lembrada nas rodas de *acolhimentos* era que qualquer pessoa, independente da idade, poderia ir aos encontros e participar da *Rede*. De todo modo, não poderia representá-la com agentes do Estado ou mesmo em encontros com outras *Redes* de jovens de outras localidades. Há ainda outra tensão observada, sobretudo em relação aos ditos “videntes” e “convidentes”. Dois dos GTs tinham como gestores membros que eram soronegativos. Ainda assim presenciei algumas disputas em torno do “lugar de fala”. Essa dinâmica na produção de um espaço para pessoas soropositivas que se pretende universalista, mas que no cotidiano esbarra no diagnóstico e na vivência com o HIV para a produção da identidade e legitimidade da causa, também foi observado por Valle (2002; 2015). Esses conflitos ainda me aparecem como indagações etnográficas.

Pergunto-me se os “velhinhos” se “sentiam jovens” ou se o espaço “juvenil” não é o que no mundo social contemporâneo do HIV/Aids lhes resta? Eles realmente “sentem-se jovens” ou, na cidade do Rio de Janeiro, não há espaço para essas pessoas? São ainda questões a serem investigadas.

O que se mostra como etnograficamente interessante é o fato de que eu era justamente visto como “novinho” durante o campo, o que não somente me abriu portas para a imersão no campo, como também me colocava automaticamente no *status* de pessoa “vivente” para o HIV/Aids. Retornando ao diálogo que tive com Marcelo, abro espaço para pensar nas formulações de Braz (2008). O autor nos contou que recebeu “cantada” no momento em que realizava sua pesquisa de campo em um clube destinado à prática de sexo para homens e as tomava como parte do *fazer etnográfico*. Dito isso, o fato de eu ter sido alvo de recepção, ou mesmo de curiosidade por parte dos membros mais antigos, serviu-me de contribuição etnográfica para compreender as dinâmicas adotadas pelos jovens assim que uma pessoa nova aparece, tanto no diálogo descrito anteriormente, quanto no primeiro encontro presencial no qual estive presente que, mais adiante falarei sobre¹¹.

Naquela altura, eu era o típico “recém-diagnosticado”, que precisa de apoio, conversas e sentir-se em casa. Inicialmente procurei me apresentar como todos os *novatos* fazem ainda na rede virtual. Disse meu nome, o local em que resido, em suma, “quem sou eu”. Apresentei-me também como pesquisador das Ciências Sociais fazendo pesquisa (ou à procura de realizar) com jovens soropositivos. Fui indagado que aquele espaço também é referente a pessoas que convivem com HIV/Aids. Sem receber muitas críticas, procurei afirmar que a princípio mostrava interesses metodológicos apenas aos ditos “viventes”, mas que não descartava possibilidades de expandir a pesquisa, já que segundo Strathern (2014), o conhecimento antropológico se dá no momento das relações com os sujeitos envolvidos, sendo as teorias construídas no bojo dessa comunicação.

A partir de janeiro de 2016 comecei a visitar os encontros para a construção da pesquisa. Cabe ressaltar, que a *Rede* não tem um local fixo. Sendo assim, os

¹¹ Apesar de falar mais adiante do encontro não foi possível aqui detalhar os entraves negociados por mim no meu primeiro ato etnográfico. Como o (a) leitor (a) verá, não tive muita “dificuldade” para adentrar no campo. Por dois motivos: Primeiro, eu já era parte aceita no *Facebook*. Segundo, existem marcadores sociais que fizeram - e fazem - de mim parte aceita em um encontro desse tipo (jovem, acanhado quando de início e falador quando já construído enquanto “pessoa” no local). Aqui podemos pensar em Butler (2002), quando a autora nos diz sobre a existência de corpos socialmente aceitos em determinados espaços sociais.

encontros ocorrem a cada mês em locais diferentes e geralmente acontecem em locais abertos (praças, clubes fechados, espaços de saúde etc.). Dessa maneira, foi possível construir uma etnografia *multi-sited*, na qual contou com lugares descontínuos, construídos a partir de múltiplas posições, observação e participação do antropólogo (MARCUS, 1995), proporcionando uma prática etnográfica que não se localizou em apenas um único espaço temporal. Com isso, foi possível perceber uma heterogeneidade de classes sociais, raças, gêneros e idades. A etnografia foi da zona sul da cidade, conhecida como a região das classes altas da capital à baixada fluminense, onde há um constitutivo de pessoas negras e periféricas. As pessoas que compareciam aos encontros geralmente residiam próximo do lugar marcado, o que fez com que essa etnografia variasse ao longo dos tempos e dos espaços.

Durante o período da pesquisa compareci a cinco encontros presenciais, dentre os quais foi possível captar nuances das relações sociais dos jovens ora para fora da *Rede*, quando relatavam seus *medos* e seus *dramas* familiares, enfrentamentos religiosos e em relações afetivo-sexuais, ora dentro do próprio espaço etnografado, o que os possibilita construir-se enquanto *pessoa* soropositiva. No primeiro encontro que participei, ocorrido no bairro do Flamengo, zona sul da cidade do Rio de Janeiro, fui “acalorado” pelos jovens. Dessa maneira, a minha presença serviu também para acessar marcadores sociais entre os *novatos* que chegam e esperam conversar, abraçar e serem *acolhidos* para se tornarem sujeitos naquele espaço. Nesse momento, não se tratava de “virar nativo”, mas de levar em conta como a realidade estudada pode ser incorporada pelo próprio etnógrafo (BRAZ, 2008). Afinal, um dos rituais que se repetiu em todos os encontros foi o chamado “abraço de boas-vindas”, que consiste em “batizar” o jovem recém-chegado. Após o *abraço*, há a contagem até três e dizeres de *viva a vida!* Todo esse ritual que envolve diretamente emoções nos levando a certos simbolismos (TURNER, 2005) de interação social, tive que passar, para que a partir dali poder ser *pessoa* naquele espaço.

No decorrer do tempo da pesquisa muitos jovens tornaram-se parte das minhas relações de amizade. O que possibilitou trocar informações para além dos encontros presenciais. Contudo, o que percebi foi uma série de códigos “não ditos” quando fora dos encontros. Nas oportunidades etnografadas a dinâmica das brincadeiras estruturavam as relações sociais entre os sujeitos. Dentre as quais, por exemplo: “você está com o CD4 tão baixo, que nem consegue levantar uma mesa”; “não prestei a atenção porque estava no efeito *Efav*”. Essas frases

foram constantemente ditas no cotidiano do campo. Ter o CD4¹² alto, numa linguagem médica, significa que a pessoa está bem e que o HIV está controlado, e o *Efav* é referente a um dos comprimidos antirretrovirais dos quais os jovens fazem uso diariamente (*Efavirenz*), sendo que este é muito criticado por deixá-los “lerdos”. Por vezes, quando os encontrava no cotidiano da vida urbana – dentro de trens, ônibus, metros e espaços universitários –, os jovens ocultavam esse lado da vivência com a doença e conversavam coisas alheias do dia a dia, tornando a experiência de ser soropositivo um verdadeiro “entrar e sair do armário” (SEDGWICK, 2007). Isso nos permite acessar as fronteiras do dizível e do indizível fora dos espaços etnografados, bem como a troca constante de identidades sociais, assumindo, portanto, “várias identidades” a depender da localização social para produzir o sentido de si.

Em todos os encontros, com variações de sua estrutura, há o momento da “roda de *acolhimentos*”, no qual os jovens se apresentam, falam sobre suas vidas, seus *medos*, suas *superações* e sobre a importância estarem ali. Em uma grande roda, que dura aproximadamente três horas, ocorrem essas trocas de vivências entre os membros da *Rede*. Este é o principal momento do encontro. Segundo Carlos “é a cereja do bolo”. Na cereja do bolo os jovens soltam lágrimas, riem dos *medos* antigos, comemoram vitórias e por essa troca são constantemente *acolhedores* e *acolhidos*, nos evidenciando a dívida dos encontros (MAUSS, 2014). Por vezes, é possível perceber que ser soropositivo é um “fato social total” como sugere Bastos (2002), pois faz parte *aceitar-se, construir-se e regrar-se*. Situações observadas em campo como a que trago em seguida diz respeito a um dos momentos de *acolhimentos*. É possível perceber o quanto há numa apresentação como a que se segue *atos de lágrimas* como discursos do cotidiano. A presente linguagem comunica a dimensão do estado emotivo e enreda a experiência da *pessoa* e a construção social da realidade e redefinição de vida na narração.

Will se apresenta assim que Aninha termina suas considerações finais. Antes mesmo que Will dissesse uma palavra, chora emocionando a todos nós. Não sabíamos ao certo o porquê do seu choro. Will diz não aceitar o HIV,

¹² São um tipo de linfócitos. Elas defendem o sistema imunológico da pessoa e também são conhecidas como células T4. O HIV frequentemente infecta as células T4, ou seja, o vírus torna-se parte das células e quando se multiplicam fazem mais cópias do HIV. Se o portador não estiver em tratamento as suas células T4 serão constantemente atacadas e o que deixará a pessoa debilitada podendo chegar ao estágio de Aids. Permanecer em tratamento é importante, portanto, para não deixar o sistema imunológico imune aos ataques de vírus.

mesmo com cinco anos de descoberta. Chorava, pois o jovem apresentava dificuldades de aceitação, o que repercutiu no seu “não tratamento correto” para a doença. Diferente de todas as pessoas que se apresentavam no dia, este foi o único que disse não contar para os pais sobre o HIV, o que o deixava ainda mais sensível. Sem planos de saúde para dispor de apoio psicológico, os membros da *Rede* prometiam ao mesmo que ainda naquela semana ele seria atendido em um hospital público. “É muito importante pra mim poder estar compartilhando esse momento com vocês, sabe. A gente tem que trabalhar, estudar e ninguém vai te dar as mãos no dia a dia. Me desculpem por me emocionar e por este desabafo”, terminou o jovem com esses dizeres. Em seguida, um dos gestores completou sua apresentação dizendo: “o espaço é para isso mesmo, querido, sinta-se em casa” (Trecho do diário de campo, 10/03/2016).

A cena acima, retirada do meu diário de campo, é referente ao momento da roda de *acolhimentos* em um dos contextos de pesquisa ocorrido na Região dos Lagos, na cidade de Rio das Ostras. A cena tem como protagonista um jovem de vinte e quatro anos que diz não “aceitar o vírus”. Will era morador de uma zona de periferia de São Gonçalo região metropolitana do Rio de Janeiro e atuava como operador de *Telemarketing*. Autodenomina-se como branco e pertencente às classes populares. Na oportunidade que aqui reproduzo aqueles que estavam no local mostraram-se sensíveis e tentavam a partir das suas histórias de vida, as quais com dificuldades parecidas ou outras não tanto assim, acalmar os choros de Will. A narrativa que ele produziu fez-nos perceber a fragilidade cotidiana do jovem ao mesmo tempo em que, pela relação social ali estabelecida, suas emoções puderam enredar e construir suas ações sociais. Suas lágrimas e o que compartilhou sobre os desafios cotidianos entre os ocultamentos com a condição do HIV/Aids, formam uma realidade contextualmente emotiva do sujeito. As relacionais naquele dia de encontro no que tange ao jovem se deram também por uma série de *atos* de solidariedade e compartilhamento da dor, quando outros jovens produziram, também, narrativas de sofrimento e fragilidade.

Dessa maneira, é perceptível o quanto o discurso emotivo, tal como sugeriu Abu-Lughod e Lutz (1990), toma proporção naqueles que também escutam, quando dito em contexto de relação social, sendo então acionados como práticas sociais. Nesse caso, a interação em questão figurou-se da seguinte forma: os

olhos que “testemunham chorando” – para citar Das (2011) – somado à prática discursiva de Will como protagonista de sua própria história, enquanto os *acolhedores* que lhes prometem cuidados complementam o pragmatismo das afetividades envolvidas. Sobretudo, é possível ainda destacar como parte da realidade de vida do jovem em questão é formada no momento em que este discursa sobre si, nos dando sentido acerca da realidade social a qual Will se encontra a partir da interação de *acolhimentos* e do discurso como formador do real daquelas afetividades.

Em outro encontro, refletindo sobre o “*acolhimento* pelo qual passou”, o jovem abaixo se expressa:

Então, para começar gostaria de parabenizar vocês pelo trabalho que fazem. Não esperava que fosse ser tão rico. Foi esclarecedor! Consegui desconstruir **medos** que certamente iriam me prejudicar nessa nova caminhada. Ter visto tantas pessoas que passam pela mesma experiência que agora estou passando foi enriquecedor, pois quando peguei o resultado pensei estar sozinho, mas agora sei que não estou só, pois estou com vocês. Muito obrigado mesmo pela força que vocês me deram, assim que os procurei quando soube do diagnóstico e pelo bolo que levaram para mim. Obrigado por chorarem comigo quando eu chorei e por me abraçarem quando eu precisava. *Viva a vida!* (Gravação de *WhatsApp* - 15/05/2016).

O trecho destacado é a transcrição de um áudio no aplicativo de mensagens instantâneas, *WhatsApp*, que teve duração de aproximadamente um minuto e meio. Falando pausadamente, Harry se expressava após ir ao seu primeiro encontro. O jovem, naquele dia, havia recém descoberto o vírus há duas semanas e na data destacada, na cidade de Nilópolis, Baixada Fluminense, completava seu aniversário de número vinte e seis. “Eu nasci novamente”, contou-me no local do encontro. O jovem morava à ocasião na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro e assim como Will pertence às camadas populares. Por informações em seu perfil no *Facebook* obtive o conhecimento de que ele exercia a função de cabeleireiro como empregado em um salão de beleza de grande visibilidade na capital do Rio de Janeiro.

A narração emotiva de Harry trazida nos diz acerca de que discurso é esse, como ele é formulado e o que ele faz; tanto com quem diz, quanto com quem escuta, possibilitando uma linguagem emocional de comunicação (ABU-LUGHOD &

LUTZ, 1990). Destaco este ponto, pois muitos jovens também discursaram após as palavras trazidas. No escopo da relação que se estabeleceu pela mídia social, muitos jovens relataram os primeiros momentos de suas descobertas e como a *Rede* em questão foi demasiado importante em seus processos. Algumas pessoas, inclusive, diziam estarem *emocionadas* com as palavras do rapaz, seja porque se lembraram dos momentos de *aflição* em suas biografias, seja porque os dizeres de Harry estavam indo em direção a algo qualificado como “positivo” para sua nova realidade. E eu destaco: naquele momento ele já apresentava que conseguiria caminhar sem maiores dificuldades, evidenciando que o encontro havia sido fundamental para isso. Ao mesmo tempo, era gratificante para os membros mais antigos da *Rede* ter o conhecimento de que os *choros* e os *abraços* que compartilharam com ele reverberou em um tipo de *acolhimento* importante para a trajetória do jovem. Dessa maneira, as emoções formam aquilo que é dito como no caso de Will, transformando e dando vida à dimensão subjetiva dos que falam. Isso, obviamente, se seguirmos os ensinamentos da lógica pragmática adotada pelas autoras Abu-Lughod e Lutz (1990), indo além da “cultura como texto” e focando nas suas dinâmicas da linguagem social que estrutura a vida em sociedade.

A dimensão da narrativa de Harry foi também motivo de comoção em outros espaços para além da *Rede* de jovens. Naquela mesma semana do encontro em Nilópolis ocorreu o *Quarto seminário contra a criminalização, discriminação e direitos no contexto do HIV/Aids* na sede da Ordem dos Advogados na cidade do Rio de Janeiro¹³. Na oportunidade, em um momento de embate com agentes do Estado uma das gestoras da *Rede* tornou as palavras de Harry públicas a fim de validar as políticas mensais da *Rede* que aquela altura estavam sendo desqualificadas por formuladores de políticas públicas. Toda a platéia permaneceu, inclusive a mim, até a jovem os autorizar falar, em silêncio por alguns minutos. A primeira frase proferida por uma das mulheres que se encontrava na mesa representando o Estado foi: “estou *emocionada*. Muita *emoção* esse trabalho”.

A partir da fala do jovem e levando em consideração as observações aprendidas

¹³ Essa oportunidade me fez empreender outro estudo etnográfico, cujo foco principal recaiu sobre a análise antropológica de “casos jurídicos de transmissão do HIV”. A partir das discussões tecidas nos referidos movimentos etnográficos, obtive informações acerca destes casos e procurei adentrar os documentos burocráticos junto à justiça brasileira. O que concluiu-se é que há uma espécie de “enredo das condenações” de pessoas soropositivas, na qual sexualidade, responsabilidade e risco acionam-se como marcadores da diferença no âmbito jurídico destas condenações, que permite abrir um leque de moralidades sociais existentes (NELVO, 2017b).

em campo e apresentadas neste artigo, a interação que Harry teve com outros jovens faz crer que existe um sentido para a vida após o diagnóstico do HIV, possibilitando na imensidão dos desafios, a construção da “possibilidade de vir a ser pessoa” – parafraseando Duarte, no prefácio de *Rainhas do Rebolado* (BISPO, 2016). Dessa forma, o ritual adotado pelos jovens da “troca para acolher”, funciona como equilibrador de tensões sociais (TURNER, 2005), dando sentido às relações após cumprir-se o simbolismo. A linguagem emocional é preferencialmente utilizada pelos interlocutores, não porque ela comunica os estados internos das pessoas, mas sim porque ela mesma tece os cotidianos das trajetórias estudadas. Desse modo, baseando-se nos discursos emocionais, as ações sociais presentificam-se e formam a condição subjetiva da *pessoa*.

Concluindo: Quando os sentimentos são as relações

No início da etnografia foi preciso estranhar o objeto a ser estudado para que depois pudesse torná-lo familiar (VELHO, 2008). Assim o fiz até mesmo em termos antropológicos, pois muitas das experiências em campo saltaram aos meus olhos extremamente “exóticas”, afinal, aqueles *medos*, *dramas* ou mesmo a constituição de *pessoa* em questão eram situações, mesmo que no momento dos contextos sociais eu passasse por apenas “mais um” devido a minha idade, que eu jamais havia vivido em minha experiência pessoal.

Não pretendo com este artigo fazer generalizações acerca de jovens soropositivos. Espero, não obstante, que a condição dos interlocutores possa elucidar discussões antropológicas mais amplas sobre o tema da *noção de pessoa* visto a partir do prisma das gramáticas dos discursos sobre emoções empregados em contextos de interação social (ABU-LUGHOD & LUTZ, 1990). Pelo menos desde Edmund Leach (1974), discute-se que as etnografias não refletem as relações sociais em termos generalistas, sendo que o (a) antropólogo (a) adota certos modelos explicativos a partir dos formatos estabelecidos pelos próprios nativos e interpretados pelo observador.

O presente estudo etnográfico está inserido em um campo de reflexão que pensa a produção de *pessoa* e de subjetividades. Ao longo da etnografia pude refletir sobre como a partir dos sujeitos envolvidos – tomando como norte suas sensibilidades e dinâmicas nas trocas emotivas das experiências –, é possível acessar o mundo das emoções que estrutura a vida em relação social. Como procurei demonstrar ao longo do texto, o espaço dos encontros é também o

momento de dizer sobre a vida soropositiva, permitindo a troca e enredando a possibilidade de construir-se como *pessoa*. Nas oportunidades observadas há uma redefinição emotiva e feitura do *Eu* micropolítico constante, que longe de ser individual apresenta-se como relacional. A partir dos dados demonstrados pude, desta forma, compreender que as emoções podem ser também um discurso da vida soropositiva, sobretudo nos discursos das relações entre os jovens estudados, já que este cria e ordena as emoções vividas, que no caso de todos os “jovens personagens” são experiências cotidianas e em constante disputa social.

Ainda que inicial e de curta duração, este estudo pretende contribuir para reflexões antropológicas sobre HIV/Aids, emoções, *noção de pessoa* e subjetividades do país. Neste sentido, foi necessário buscar compreender e interpretar grupos coletivos e as subjetividades para acessar uma gramática da linguagem emotiva que, entre outras coisas, localiza o lugar dos sujeitos no mundo. Situações no qual jaz a “micropolítica das emoções” (COELHO & REZENDE, 2010), em que as hierarquias e as fronteiras sociais emergem na experiência emocional individual não puderam ser aqui discutidas. De todo modo, a noção refinada pelas antropólogas serviu de aporte teórico para refletir tanto sobre o presente campo quanto para demais etnografias empreendidas por mim mesmo acerca da temática do HIV/Aids (NELVO, 2017a).

De forma ainda aberta a muitas interpretações, concluo por agora que a linguagem emocional circunscrita pela narrativa como formação da ação social, possibilita a construção da *noção de pessoa* de sujeitos jovens soropositivos em contextos e práticas sociais de *acolhimentos* e trocas de experiências. Os encontros etnográficos com os interlocutores permitiram refletir que para se entender a experiência de jovens soropositivos, deve-se voltar à atenção para a narração emotiva em *atos de falas, lágrimas, abraços, silêncios, comoções* etc. Em outras palavras, tomar os sentimentos como aquilo que estruturam as próprias relações.

Referências Bibliográficas

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. Introduction: emotion, discourse and the politics of every day life. In: LUTZ, C.; ABU-LUGHOD, L. (eds.). *Language and the politics of emotion*. Cambridge: cambridge University Press, 1990.

ABU-LUGHOD, L. Shifting politics in Bedouin rhetoric of emotions. In: ABU-LUGHOD; LUTZ. *Language and the politics of emotion*. Cambridge University Press, New York, 1990, pp. 24-45.

ALMEIDA, Guilherme. Argumentos em torno da possibilidade de infecção por DST e Aids entre mulheres que se autodefinem como lésbicas. *Physis*. Rio de Janeiro, v. 19, n.2, p. 301-331, 2009.

AURELIANO, Waleska Araújo. As pessoas que as doenças têm: Entre o biológico e o biográfico. In: GONÇALVES, M.; MAQUES, R.; CARDOSO, V. (Org.). *Etnobiografia: Subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

AYRES, JR.; PAIVA, V.; FRANÇA, JR. Conceitos e práticas de prevenção: da história natural da doença ao quadro da vulnerabilidade e Direitos Humanos. In: *vulnerabilidades e Direitos Humanos: prevenção e promoção da saúde*. Ed. Juruá, Curitiba, 2012.

BASTOS, Cristina. *Ciências, poder, ação: as respostas à SIDA*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Lisboa, 2002.

BISPO, Raphael. *Rainhas do Rebolado: carreiras artísticas e sensibilidades femininas no mundo televisivo*. Rio de Janeiro: Mauad, FAPERJ, 2016.

BRAZ, Camilo. Vestido de Antropólogo-nudez e corpo em clubes de sexo para homens. *Revista Bagoas*, v.02, p. 04, 2008.

BRUNER, Edward M. Experience and Its Expressions. In: BRUNER, E.; TURNER, V. *The Anthropology of experience*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1986.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del 'sexo'*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

COELHO, Maria Cláudia; REZENDE, Claudia Barcellos. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

CSORDAS, Thomas. *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre: Ed UFRGS, 2008.

CUNHA, Cláudia Carneiro da. "Jovens vivendo" com HIV/Aids: (con)formação de sujeitos em meio a um "embaraço". Tese. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional/Ufrj, p. 284, 2011.

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. *Cadernos Pagu* (37), julho-dezembro, p. 09-41, 2011.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: USP, FAPESP, 2012.

DUARTE, Luis Fernando. Prefácio. In: BISPO, R. *Rainhas do Rebolado: carreiras artísticas e sensibilidades femininas no mundo televisivo*. p.13-16. Rio de Janeiro: Mauad, FAPERJ, 2016.

FOUCAULT, Michel. *L'Ordre du discours. Leçon Inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970*. Paris: Gallimard, 1971.

GALVÃO, Jane. 1989-2001: *Uma cronologia da epidemia de HIV/Aids no Brasil e no Mundo*. Rio de Janeiro: Coleção ABIA, políticas públicas n.2, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: *Antropologia das sociedades complexas: Métodos*. São Paulo: UNESP, 2009.

LANGDON, Esther Jean. *A doença como experiência: A construção da doença e seu desafio para a prática médica*. Palestra oferecida na Conferência 30 Anos Xingu, Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 1995.

LEACH, Edmund. *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LUTZ, C.; WHITE, G. The Anthropology of Emotions. *Annual Review of Anthropology*. 15. pp. 405- 436, 1986.

LUTZ, Catharine A. Engendered emotion: gender, power and the rethoric of

emotion control in american discourse. In: LUTZ, C.; ABU-LUGHOD, L. (eds.). *Language and the politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

LUTZ, Catharine A. *Unnatural emotions: everyday sentiments on a micronesia atoll & their challenge to Western theory*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

MARCUS, George E. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, n. 24, p. 95-117, 1995.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva; forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: A noção de pessoa, a de “eu”. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

MURRAY, Laura; LEITE, G; LENZ, L. O par e o ímpar: o potencial de gestão de risco para a prevenção de DST's/Aids em contexto de prostituição. *Revista brasileira de epidemiologia*, 2015.

NELVO, Romário Vieira. *Tecendo Narrativas e Emoções: Uma etnografia sobre trajetórias de mulheres com HIV/Aids*. Monografia. Instituto de Ciências Sociais/ UERJ, p. 165, 2017.

_____. O Enredo das Condenações: Uma etnografia entre documentos e “justiça” acerca de casos de transmissão do HIV. Pernambuco: *Revista Idealogando*, v. 1, n. 2, p. 102-121, 2017.

_____. Notas sobre o curso da vida: Uma resenha. Paraíba: *Revista Brasileira de Sociologia das Emoções*, v. 17, n. 49, p. 149-153, 2018.

PARKER, Richard; GALVÃO, Jane. *Quebrando o Silêncio: Mulheres e AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2009.

POCAHY, Fernando. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. Florianópolis. *Estudos Feministas*, 15(1),

280. p. 45-66, 2007.

RABELO, Miriam Cristina M; ALVES, Paulo César B; SOUZA, Iara Maria A. *Experiência de doença e narrativa*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

REZENDE, C. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. Rio de Janeiro, *Mana*, 8 (2), 69-89, 2002.

SEDGWICK, Eve. A Epistemologia do Armário. Campinas. *Cadernos Pagu*, p. 19-54, jan-jun 2007.

SEFFNER, Fernando. *O jeito de Levar a vida: Histórias de vida de soropositivos*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia/Ufrgs. p. 294, 1995.

STRATHERN, Marilyn. Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia. In: STRATHERN, M. *O efeito Etnográfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TURNER, Victor. *Floresta de Símbolos*. Niterói/RJ: UFF, 2005.

VALLE, Carlos Guilherme. Identidades, Doença e Organização Social. Porto Alegre. *Horizontes Antropológicos*. v. 8, n. 17, p. 179-210, 2002.

_____. Biosocial Activism, Identities and Citizenship: Making up 'people living with HIV and AIDS in Brazil'. Brasília: *Vibrant*, v. 12, n. 2, p. 27-70, 2010.

_____. Afirmando-se a vida, constrói-se o tempo: experiência emoções e ativismo político contra a AIDS. Rio de Janeiro. *Intersecções*. V. 19, n.1, p. 77-105, 2017.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura – Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.